

A automedicação entre acadêmicos de medicina

Amanda Farias da Silva¹; Fernanda de Souza dos Santos¹; Henrique Paes Rogerio Brito Fernandes¹; Ester Monte Galvão¹; Juliane Macedo²

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.
2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A automedicação é um tratamento terapêutico leigo que consiste no consumo de medicamentos com a finalidade de aliviar e tratar sintomas de doenças diagnosticadas pelo paciente além, de promover melhoras na qualidade psíquica. À vista disso, a prática de consumo abusivo de psicofármacos tornou-se muito frequente entre os acadêmicos de medicina, ocasionando, desse modo, uma interferência na qualidade de vida e na aprendizagem dos estudantes. Nessa perspectiva, trata-se de uma mini revisão integrativa que buscou analisar as causas da automedicação entre acadêmicos de medicina. Foi utilizada a estratégia PICO para especificar a pergunta norteadora e definição dos descritores do trabalho. Os artigos foram buscados no banco de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), National Library of Medicine and National Institutes of Health (PubMed), levando em consideração os descritores de ciências da saúde (DeCS): “acadêmicos de medicina”, “automedicação”, “med students” e “self medication”. Constatou-se que a prevalência de automedicação pelos acadêmicos de medicina tem relação com a sobrecarga do curso. Posto isso, nota-se que esses estudantes iniciam essa prática como medida de cuidado paliativo não efetivo com o objetivo de minimizar sintomas mais imediatos. Portanto, conclui-se que há um uso excessivo de medicamentos pelos acadêmicos de medicina, juntamente com o uso excessivo de álcool, tabaco e drogas ilícitas como maconha e cocaína. Isso ocorre principalmente pelo fácil acesso a medicamentos e drogas, pela influência social, pela carga horária excessiva e pela dor de cabeça, sintoma mais comum entre a os estudantes.

Palavras-chave:

Acadêmicos de medicina.
Auto-medicação.
Med students.
Self medication.

INTRODUÇÃO

A automedicação se refere a seleção e uso individual de medicamentos para tratamento de doenças ou sintomas auto diagnosticados. (KHADLA; KAFLE, 2020). À vista disso, a prática de consumo abusivo de psicofármacos tornou-se muito frequente entre os acadêmicos de medicina, ocasionando, desse modo, uma interferência na qualidade de vida e na aprendizagem dos estudantes (NASCIMENTO et al., 2019).

O uso de medicamentos sem a prescrição médica, entre os estudantes de medicina, pode estar relacionado à extrema vulnerabilidade dos graduandos das ciências da saúde ao adentrar na universidade, por ser um período crítico no início do curso (DURIGAN, 2020). Por conseguinte, esse acesso fácil às prescrições pode resultar na dificuldade de diagnósticos corretos de uma doença grave, além de afetar o processo patológico no paciente (MORAES et al., 2018).

Desse modo, a mini revisão de literatura tem o objetivo de identificar as principais causas do uso de medicamentos pelos acadêmicos de medicina.

METODOLOGIA

Trata-se de uma mini revisão integrativa que buscou analisar as causas da automedicação entre acadêmicos de medicina. Foi utilizada a estratégia PICO para especificar a pergunta norteadora e definição dos descritores do trabalho. Os artigos foram buscados no banco de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), National Library of Medicine and National Institutes of Health (PubMed), levando em consideração os descritores de ciências da saúde (DeCS): “acadêmicos de medicina”, “automedicação”, “med students” e “self medication”. Ademais, o operador booleano “AND” foi utilizado entre os descritores. A partir da busca inicial, foram encontrados 21 artigos. Os critérios de inclusão foram artigos científicos originais, publicados nos últimos 5 anos (2018- 2022), no idioma português, disponíveis em textos completos. Além disso, foram excluídos os que não abordavam o tema proposto de maneira adequada e revisões de literatura, restando 5 artigos que serão contemplados nesse estudo.

RESULTADOS

Após análise dos artigos selecionados, os principais pontos levantados se associaram à frequência de automedicação, período no qual os acadêmicos se encontravam, motivos relacionados à automedicação, classe de drogas utilizadas, recorrência à prescrição médica e leitura da bula e efeitos colaterais. Além disso, o uso de drogas ilícitas também foi analisado.

No tocante à frequência, a maioria dos entrevistados, de fato, realizavam a prática da automedicação. Um estudo feito entre 76 alunos da escola de medicina de Kathmandu, ressaltou que 58 (76,6%) se mostraram praticantes recorrentes da automedicação (KHADLA; KAFLE, 2020). Foi evidenciado

também, que o uso de medicamentos por conta própria ao longo do ano era feito em torno de 5 vezes por aproximadamente metade dos estudantes analisados nos estudos. 48,2% dos entrevistados praticaram a automedicação de 1 a 5 vezes nos últimos 12 meses (NASCIMENTO *et al.*, 2019).

O período no qual se encontram os acadêmicos é outro fator influenciador na busca pela automedicação, sendo perceptível que o tempo no curso é diretamente proporcional à essa prática, visto que como relatado por (MORAES *et al.*, 2018), a automedicação se mostrou maior em períodos mais avançados como o 3º e 4º (71,42%), contra 44,57% no 1º e 2º. Ademais, os acadêmicos do primeiro ano foram os que mais realizavam a automedicação (76,6% dos entrevistados) (KHADLA; KAFLE, 2020). Ainda, a proximidade com o fim do curso foi fator determinante para a automedicação (TOGNOLI *et al.*, 2019). Portanto, quanto mais o aluno avança na faculdade, maior a tendência ao uso (DURIGAN, 2020).

Além disso, dentre os motivos e sintomas associados à automedicação, a “dor de cabeça” ou “cefaleia” foi o principal levantado. “Dor de cabeça” foi o sintoma mais relacionado com o uso de medicamentos (KHADLA; KAFLE, 2020). O principal sintoma que faz recorrer à medicação foi a cefaleia em 90% dos casos (NASCIMENTO *et al.*, 2019). Ainda, foi evidenciado “dor” como motivo em 34,05% dos envolvidos no estudo (MORAES *et al.*, 2018), e quadro clínico de precedência teve como destaque a cefaleia (TOGNOLI *et al.*, 2019). Considerando outras causas que levaram ao hábito em análise, 26,4% se automedicaram com estimulantes para estudo (NASCIMENTO *et al.*, 2019), por febre/inflamação (MORAES *et al.*, 2018), mialgia, resfriado comum e epigastralgia (TOGNOLI *et al.*, 2019). Além disso, a porcentagem de automedicação em situações de estresse foi de 40,41% (MORAES *et al.*, 2018); e instabilidade emocional e psicológica, somada com a grande cobrança e carga horária excessiva, convívio com a vida, sofrimento, morte e influência do entorno social foram fatores influenciadores (DURIGAN, 2020).

No que diz respeito à classe de drogas utilizadas na automedicação pelos estudantes, os analgésicos e anti-inflamatórios foram os mais mencionados. Considerando os medicamentos levantados na pesquisa, a classe de drogas mais utilizada foi a dos analgésicos (KHADLA; KAFLE, 2020). Ainda, dentre os medicamentos mais recomendados pelos que se automedicavam, estavam os analgésicos (52,05%) e anti-inflamatórios (17,81%) (MORAES *et al.*, 2018). Ademais, o uso de drogas ilícitas foi confirmado por 52% dos estudantes, dos quais 28,32% consumiam tais químicos juntamente com outros medicamentos (MORAES *et al.*, 2018). 22,8% já consumiram drogas ilícitas pelo menos uma vez na vida (DURIGAN, 2020).

Em relação à busca de informações referentes aos medicamentos, foi evidenciado que alguns recorriam a prescrições médicas, leitura da bula ou até internet, profissionais de saúde, familiares e amigos (TOGNOLI *et al.*, 2019). Entre os acadêmicos entrevistados, constatou-se que 65,54% liam a bula (MORAES *et al.*, 2018). Ainda, notou-se que a leitura da bula ocorreu entre 31,8% (NASCIMENTO *et al.*, 2019). Ademais, outros acadêmicos apenas se utilizavam a recomendação desses estudantes a amigos e familiares (KHADLA; KAFLE, 2020).

Efeitos colaterais também foram evidenciados, como náusea, vômito, tontura e sintomas cardiorrespiratórios (MORAES *et al.*, 2018). Além de que 304 estudantes acreditavam que a automedicação propicia riscos à saúde (TOGNOLI *et al.*, 2019).

DISCUSSÃO

A análise da prevalência de automedicação pelos acadêmicos de medicina desencadeou informações sobre a relação da sobrecarga do curso com o uso abusivo de medicamentos. Posto isso, nota-se que esses estudantes iniciam essa prática como medida de cuidado paliativo não efetivo com o objetivo de minimizar sintomas mais mediatos e resolver o problema (NASARIO, 2016) (BAGGIO, 2009).

Diante disso, foi notável que o ritmo de vida intenso pode comprometer a qualidade de vida do estudante (FEODRIPPE ALO, BRANDÃO MFC, VALENTE TCO), sendo que o desfecho dessa questão se exemplifica na necessidade do consumo de estimulantes para suprir a demanda das atividades da faculdade (DURIGAN, 2020), e conseqüentemente desencadeando estresse e sobrecarga mental.

Além disso, ao que se refere aos tipos de medicamentos, os mais consumidos foram analgésicos, que representaram 52,05% e anti-inflamatório com o percentual de 17,81% (MORAES *et al.*, 2018), o que reafirma o fácil acesso aos medicamentos que não necessitam de prescrição médica. Tal fato contribui para desencadear o uso excessivo de fármacos sem recorrer a consultas antes do início da utilização. Por conseguinte, os estudantes buscaram as informações por meio da internet, profissionais de saúde fora do ambiente ambulatorial, familiares e amigos e nas bulas (TOGNOLI *et al.*, 2019).

O quadro clínico antecedente à automedicação abrange a cefaleia como o principal sintoma que fez recorrer a medicação 90% dos entrevistados (NASCIMENTO *et al.*, 2019).

O uso de remédios por conta própria ou indicação não profissional pode ocasionar inúmeros riscos à saúde, o agravamento dos sintomas e algumas reações adversas, propiciando consequências danosas aos acadêmicos como intoxicações, dependência e reações alérgicas (VIANA, THAYSE, 2021). Diante disso, os estudantes se mostram propícios a sequelas do uso inadvertido gerando malefícios à própria saúde, interferindo dessa forma na sua qualidade de vida e no aprendizado da medicina.

Ademais, evidenciou-se que a automedicação não se restringe apenas a drogas lícitas e contribui para a interação entre fármacos e outros químicos. Nesse quesito, o uso de drogas ilícitas foi confirmado por 52% dos estudantes, dos quais 28,32% consumiam tais químicos juntamente com os medicamentos (MORAES *et al.*, 2018). Desse modo, a figura do acadêmico se torna ambígua, visto que o papel do médico se alicerça sobre a prevenção do tabagismo e uso outras drogas, o que não é visto na sua própria realidade (HALLAL *et al.*, 2004).

CONCLUSÃO

Essa discussão integrativa destaca que, há um uso excessivo de medicamentos pelos acadêmicos de medicina, juntamente com o uso excessivo de álcool, tabaco e drogas ilícitas como maconha e cocaína. Isso ocorre principalmente pelo fácil acesso a medicamentos e drogas, pela influência social, pela carga horária excessiva e pela dor de cabeça, sintoma mais comum entre a os estudantes. É evidente que a frequência e a quantidade do uso dessas substâncias aumentam de forma alarmante com o passar dos períodos, esse fato é explicado justamente pelo aumento das dificuldades ao longo do curso. Torna-se relevante sugerir mais palestras mensais sobre o assunto para enfatizar os perigosos do uso excessivo de medicamentos, principalmente sem receita médica, além do uso de drogas ilícitas e lícitas. Além disso, o conselho nacional de medicina deve pôr em discussão essa sobrecarga relatada pelos acadêmicos para que achem uma solução para essa problemática e deem mais importância para as pesquisas feitas sobre o assunto, além de maiores investimentos. Pois, esses fatores interferem diretamente na aprendizagem e na qualidade de vida desses estudantes.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO M.A.; FORMAGGIO F.M. Automedicação: desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, v. 17, n. 2, p. 224-228, 2009. Acesso em: 11 maio 2022.
- DURIGAN R.A.; MACHADO L.C.S. O uso de tabaco e drogas pelos estudantes de medicina. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 83162-83168, 2020.
- FEODRIPPE A.L.O.; BRANDÃO M.C.F.; VALENTE T.C.O. Medical students' quality of life: a review. **Rev Bras Educ Med.**, v. 37, n. 3, p. 418-428, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022013000300014>. Acesso em: 11 maio 2022.
- KHADKA A.; KAFLE K.K. Prevalence of Self-medication among MBBS students of a Medical College in Kathmandu. **JNMA J Nepal Med Assoc.** v. 58, n. 222, p. 69-75, 2020. DOI: 10.31729/jnma.4840.
- MENEZES A., *et al.* Tabagismo em estudantes de Medicinam tendências temporais e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 30, p. 223-228, 2004.
- MORAES L.G.M., *et al.* Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Rev Soc Bras Clin Med.**, v. 16, n. 3, p. 167-170, 2018.
- NASCIMENTO C.S., *et al.* Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Rev Med.**, v. 98, n, 6, p. 367-373, 2019.
- NASARIO M.; SILVA M. **O consumo excessivo de medicamentos psicotrópicos na atualidade.** 2014. Artigo Científico (Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Rio do Sul, 2014.
- TOGNOLI T.A., *et al.* Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **J Health Biol Sci.** V. 7, n. 4, p. 382-386, 2019.

BRAUNAS C. **Hutrin alerta sobre os riscos da automedicação**. Secretaria de Estado de Saúde Governo do Estado de Goiás. 2021. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/12919-hutrin-alerta-sobre-os-riscos-da-automedicacao>. Acesso em: 11 maio 2022.